

24 de julho de 2022 nº 2

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

No frescor da hora

3

Eu não posso morrer

Tadeu Renato

6

A busca da síntese

Tadeu Renato

Crônica do dia seguinte

7

Versos do segundo dia

Mileny Vitória Candido Leme

11

**Oralidade e escuta: a
sensibilidade para
criar e deformar
outras realidades**

Camila Barbagallo

Ainda reverbera

14

Minha juba minha coroa

Valdick Silva Santos Júnior

Expediente

16

no frescor da hora

EU NÃO POSSO MORRER

Tadeu Renato

*apreciação do espetáculo *Eu não posso morrer*
a partir do painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida, Paulo
Gircys e Amanda Tavares Dias*

Estudantes da licenciatura em Teatro do Centro Universitário Ítalo Brasileiro fizeram uma releitura do texto *Os Fuzis da Senhora Carrar* (1937), do dramaturgo e diretor alemão Bertolt Brecht, e criaram o espetáculo *Eu não posso morrer*, apresentado no Teatro Procópio Ferreira na noite de sábado. Na peça original, passada durante a Guerra Civil Espanhola, temos a história de uma mãe que busca proteger o filho da batalha contra o Fascismo que tomava as ruas do país naquele momento. O medo da mãe se justifica pela perda do marido nessa mesma guerra, levando a mulher a esconder as armas debaixo do assoalho da casa.

Quando o público entra no teatro, atrizes e atores já estão em cena formando um coro que observa e é observado. Um ator segura uma bexiga vermelha, que contrasta com os tons terrosos do figurino e do cenário, este realizado com caixas de papelão empilhadas de maneira que tanto podem ser uma trincheira, uma comunidade com crescimento desordenado ou um depósito. De início, somos apresentados ao cotidiano de uma sala de aula onde uma professora tenta criar diálogo com estudantes dispersos, falando da importância de trazer para o teatro questões que lhes sejam pertinentes. É nesse momento que José é convidado a ler o que traz em seu caderno: a narrativa de seu cotidiano em uma periferia onde acontece uma guerra entre a polícia e traficantes. Na versão do grupo universitário, mantém-se o enredo do pai morto, da mãe que esconde o fuzil e da família que se vê pressionada pelas circunstâncias do território.

no frescor da hora

Porém, a partir desse momento parece haver uma dissonância entre a forma e o conteúdo que o espetáculo propõe: o teatro dialético de Brecht se coloca como um projeto de expor as contradições da sociedade inserida no capitalismo, revelando não somente os mecanismos dessa sociedade como também o mecanismo do próprio fazer teatral. Ao colocar em cena uma discussão sobre as estruturas sociais que criam e muitas vezes guiam nossas ações, o dramaturgo alemão explicita como essas estruturas não se dão no plano individual, mas no coletivo, ou seja, no plano político. *Eu não posso morrer* envereda, na maior parte do espetáculo, pela forma do drama, que acaba por dar maior ênfase aos conflitos internos da peça nos indivíduos. A figura da professora aparece de modo redentor e romantizado, como se a educação fosse por si a grande salvadora do caos social gerado pelo neoliberalismo. Acabamos por ter empatia pela perda da mãe (e até concordando com o discurso dos policiais, apesar da tentativa de ironia do jogo cênico) e nos compadecemos, mas o espetáculo não coloca em movimento uma reflexão sobre a necessidade de transformação do sistema que gera tantas violências. Fala-se dos sintomas, que doem, mas não se atenta às causas.

Outros pontos a serem notados como necessitados de maior aprofundamento são as escolhas das/dos artistas que fazem cada figura. As figuras centrais são concretizadas sempre pelos mesmos corpos, sem troca de perspectiva. E sempre pelos corpos socialmente brancos. Os comentários comuns do teatro de Brecht surgem em alguns momentos, como um instante de se colocar como alguém que não sabe, por experiência própria, da realidade que narra, o que pode soar como um pedido de desculpas baseado em um entendimento equivocado do conceito de *lugar de fala*. A forma revolucionária do teatro dialético acaba se esvaziando de sua capacidade questionadora, pois ao pedir licença para ser tal ou tal figura, o trabalho esquece de questionar muitas de suas próprias escolhas estéticas.

no frescor da hora

Essa peça resultou de poucos meses de pesquisa, uma vez que é o trabalho de conclusão de curso do grupo, e a apresentação no FETESP 2022 foi somente a terceira da trajetória do espetáculo. Na conversação com o público, pós-espetáculo, um ator disse se sentir inseguro em cada apresentação, pois fica reverberando a peça mesmo após a apresentação. É bom que assim seja e que continuem assim, em processo contínuo de revisão e criação, de escuta e experimentação. É um grupo formado por pessoas com muita força em cena e que pode ganhar mais eficácia quanto mais problematizarem seus próprios processos coletivos.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



no frescor da hora

A BUSCA DA SÍNTESE

Tadeu Renato

*apreciação da contação de histórias O Conto
de Iara a partir do painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida, Paulo
Gircys e Amanda Tavares Dias*



no frescor da hora

Formado por uma dupla de estudantes da Escola Livre de Teatro de Santo André, a Cia. Paralenda apresentou a contação de histórias *O Conto da lara* na tarde de sábado, sob a luz do sol na Praça da Santa. As atrizes Thais Moraes e Dagliane Natiele se apresentam como um grupo interessado em pesquisar a oralidade e as narrativas de culturas tradicionais brasileiras. O conto da lara parte dos mitos indígenas sobre as sereias do norte do país, as que mergulham nas águas do Amazonas e convivem com outros encantados.

Estruturada de modo lúdico, buscando diálogo direto com o público, como é a base de contações de histórias, começa fazendo um panorama sobre diversas características do estado do Amazonas, de onde se originou o mito narrado. Se valendo de diversos instrumentos, elementos de cena e fitas, as atrizes contam de manifestações daquela região, como o Bumba-meu-boi. Apesar de se pautarem em um jogo divertido de palhaças, o espetáculo muitas vezes perde sua força de propor uma escuta atenta. O excesso de curiosidades sobre o estado do norte é enciclopédico, começando pela demonstração do mapa do Brasil até alguns aspectos regionais.

Esse desejo didático de contextualizar a história que será contada prejudica o ritmo do trabalho, pois não se aprofunda nas pequenas informações que poderiam, cada uma, gerar uma nova contação de história. Essa passagem superficial sobre temas importantes atrasa o ritmo da peça, que demora em entrar no enredo da sereia que dá título ao trabalho. Essa mesma necessidade de dar conta de muitas informações torna a narrativa apressada em outros aspectos, como em belas imagens que mal nascem e já são abandonadas, ou mesmo no jogo de palhaças a que a contação se propõe.

A dramaturgia parece ainda frágil, de maneira que não dá o impulso que a narrativa pede. Um exemplo é a sinopse da peça que apresenta uma dupla de aventureiras e sua busca pelo canto das sereias. A contação se inicia com essa imagem, mas ela é esquecida ao longo da ação em troca de passar as informações citadas acima.

no frescor da hora

Duas mulheres aventureiras, que encontrassem cidades e bois, encantados e sereias, colonizadores e indígenas (diluindo as informações ao longo da dramaturgia) dariam mais dinamismo ao espetáculo. Isso talvez possibilitasse personagens menos caricatos, fugindo de estereótipos - como no caso dos indígenas cujo modo de falar reproduz uma ideia abstrata que fazemos desses povos, baseada em imagens ultrapassadas. O uso do termo lenda é significativo dessa caricaturização, pois esvazia a força do mito como tradição, conhecimento ancestral e que permanece vivo.

O desejo do grupo de acessar e compartilhar esses mitos é fundamental em tempos de apagamentos de outros modos de existência em nosso próprio território e seria mais rico, aproveitando as qualidades do grupo em lidar com a palavra, a música e o jogo (que também não chega a se estabelecer em toda sua potência na relação com o público, mantendo uma distância tímida). As atrizes têm energia em cena e conseguem manter, na maior parte do tempo, a atenção do público. Artistas que demonstram o prazer de fazer o que fazem, e isso transparece na alegria da cena. A escolha por tais narrativas é uma relação de manter acesa a memória que lhes é ancestral: as atrizes são descendentes de contadores de história, de habitantes do território sobre o qual elas narram. Aprimorar essa pesquisa e encontrar a síntese só tem a tornar o grupo mais potente e inventivo, fugindo da forma genérica de muitas contações de história e criando um trabalho que reverbere em seus corpos a presentificação da tradição oral.

crônica do dia seguinte

Versos do segundo dia

Mileny Vitória Candido Leme

*Coletivo Rubra
UFABC*



crônica do dia seguinte

"Felicidade!"

"Harmonia!"

"Vontade de viajar!"

"Medo da Cobra!"

"Queijo!"

Vozes de crianças ecoando pela praça

O que se sente e o que se vê?

Depende da dose de graça

Para Lendas e para o que é concreto

Cores passearam pela cidade

Pela rua 15 de novembro

(ainda que estejamos em julho)

Gritos se fizeram ouvir

Sorrisos enfeitaram as ruas silenciosas da cidade-música.

E por um momento, enquanto a orquestra dava suas

notas carnaval

o mundo quase

parecia que não era real

E queria que não fosse

Porque a dose de arte no dia-a-dia é o que me mantém

viva

e eu quero viver

Tem algo que ecoa nos palcos

nas ruas

nas cidades

tô decidida: eu não quero morrer

Antes da última arma atirar

Antes do último sangue jorrar

Quero que a arte se mantenha viva

no teatro

na dança

na resposta de uma criança

na alegria

tudo sobre o que ouvimos durante o segundo dia

crônica do dia seguinte

Oralidade e escuta: a sensibilidade para criar e deformar outras realidades

Camila Barbagallo

1º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatui

Dia 23 de julho de 2022. Segundo dia do 27º FETESP. E que dia intenso! Dentre as oficinas que aconteceram pela manhã, participei da "exercício de reflexão a partir da poética cênica: ensaio como forma" de Judson Cabral. A aula seguiu reverberando em mim durante as demais experiências que a sucederam na programação. Judson sugeriu um exercício a partir das peças que estamos assistindo no festival, a fim de desenvolvermos uma reflexão crítica e social em cima delas, começando por listar o que vimos, objetivamente.

O conto de Iara, Cia Paralenda. Do que vi, não sendo nada objetiva:

Frutas. Cores. Crianças (na platéia, não em cena). Cultura popular. Dança. A risada das crianças. Música. Chacoalhar. História da sereia Iara que vive pelos rios no norte do Brasil. Valorização da mitologia/folclore brasileiro.

Sons de pássaros, escaleta, pau de chuva, violão, ukulele, outros instrumentos (os quais não sei o nome).

crônica do dia seguinte

O olhar atento das crianças e o olhar curioso de quem estava de passagem pela praça, mas ficou pra assistir a contação.

Tecidos que viram águas, que viram rios. Pororoca. Rimas. Teatro infantil ou teatro para crianças (aqui a lista já não é mais sobre o que vi, se misturam pensamentos e comentários que ouvi e anotei).

E, então, os mediadores perguntam o que as crianças viram:

Amazonas. Frutas. Tambor. Chocalho. Cesta. Brasil. Lenda. Violão. Pétalas. Pirarucu. Cobra. Veneno. Punhal.

O que sentiram:

Felicidade (diversas vezes). Alegria. Harmonia. Diversão. Queijo. Arrepio. Perfume. Animado. Paixão. Risos.

E como as crianças presentes nesta tarde na praça da santa gostaram de falar e de serem ouvidas, até gritavam para ter certeza de que seriam ouvidas devidamente.

Quando o mediador perguntou quem estava no Teatro pela primeira vez na vida, um menino levantou alto a mão e gritou com toda força "eeeeuuuu". Outras várias crianças levantaram a mão, eu fiquei emocionada de ver a importância desse trabalho, desse festival e, principalmente, desse espaço que é a praça.

Uma senhora de Mauá pede o microfone pra falar e diz que o nome da neta é Iara.

Oralidade. Escuta.

Descemos em cortejo tomando as ruas do centro. Poucas mas vibrantes pessoas. Trocas, ritmos, olhares. Essa foi uma experiência da qual não sei discorrer ainda. Foi uma vivência muito momentânea que me fez sentir dentro de um festival.

crônica do dia seguinte

Eu não posso morrer.

Impactante. Uma semelhança, a meu ver, com Quando Quebra Queima. É a realidade do que vimos. Eu, particularmente e nada objetiva de novo, vi verdade, vi honestidade com o público e respeito com as histórias que estavam contando. Mas isso foi minha visão bem subjetiva.

Um respeito com as histórias que estavam sendo contadas. Respeito à dor de uma mãe. Armas de papelão que não fingem ser reais. Assim como no conto de lara, "eu não posso morrer" nos narra uma história, nos traz pra perto pra contar a narrativa de acontecimentos. Uma história, diferente da primeira do dia, nada bonita.

Narrativas. Maneiras de contar histórias. A forma que comunica o conteúdo, como Judson nos disse pela manhã. O conteúdo é triste, doloroso, mas a forma emociona e não saímos tristes do teatro, saímos abrilhantados pela sensibilidade e beleza do trabalho.

O professor também disse que o artista não faz uma reprodução dos fatos, mas deforma a realidade na sua criação. Uma história pessoal que fala sobre um social, uma questão pública. Dimensão pública e privada.

Me sinto inspirada. Assim como ontem, queria estar no palco com eles. Me inspira a criar e deformar outras realidades.

É um trabalho que gera perguntas, gera curiosidades e questões. O momento de conversa, além de ouvir o público, ouvir o elenco falar sobre sua experiência. Essa conversa que é espaço para debates sociais importantes.

Foi um dia intenso, de fato. Ainda reverbera e vai reverberar. Vai somar e sobrepor o que vi ontem, o que verei amanhã e pelos próximos dias.

ainda reverbera

Minha juba minha coroa

Valdick Silva Santos Júnior

2º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatuí

Hoje [22/08] vivenciei, sem dúvida, uma das maiores e melhores experiências da minha vida. Como pode uma peça teatral mexer tanto comigo? Eu senti que o espetáculo "Quando Quebra Queima" me atingiu de tantas formas e me atravessou de um jeito inesperado. Senti também que muitas coisas pareciam ser direcionadas para mim e que era o que eu realmente precisava ouvir. Pareciam tão específicas que me abalaram grandemente, fazendo com que eu chorasse a peça inteira - eu chorava de soluçar. Acredito que um dos motivos para eu ficar tão desestabilizado/desequilibrado foi a questão do cabelo. Eu nunca aceitei "a minha Juba", sempre tive problemas com a "não definição" do próprio "Black Power". Talvez por medo? Vergonha? Hoje aprendi que devo, na verdade, sentir muito orgulho, MINHA JUBA É MINHA COROA! Outra coisa que pode explicar um dos motivos da minha extrema emoção, foi assistir um beijo gay na quadra da escola onde me formei. Principalmente onde eu passei o meu ensino médio todo, onde sofria bullying, homofobia e racismo.

Foi na escola Chico Pereira onde eu assumi minha sexualidade e tive professores incríveis que sempre me apoiaram e me incentivaram. Professores que serviram de inspiração para que eu também me tornasse um defensor da educação.

ainda reverbera

Hoje faço licenciatura em teatro na UNISO, Universidade de Sorocaba, e esse é mais um dos motivos que fizeram com que eu me identificasse tanto com essa peça. Lembro que a cena que mais marcou pra mim foi quando disseram que o choque iria entrar e que os pretos seriam os primeiros a serem baleados. Ainda estou tentando digerir toda essa vivência e acredito que existem motivos para todas as emoções que reverberam no meu corpo, apesar de não ter uma explicação para elas.

Quero agradecer toda a coletiva ocupação - atores, diretores, produtores, equipe em geral - por ocupar as escolas e às ruas, por não desistirem da arte, nem da educação, nem da cultura. Por (r)existirem, pois essa (R)evolução precisa e deve continuar.

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Colaboradores

Tadeu Renato

Arielle Barbosa (bolsista estagiária em
Produção Cênica)

Camila Barbagallo

Mileny Vitória Candido Leme

Valdick Silva Santos Júnior

Camila Alomba

Fotógrafo convidado

João Maria

Leia também a [Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatui](#)